

AS PLANTAÇÕES DE EUCALIPTO NO BRASIL

Sebastião Renato Valverde¹

No Brasil, periodicamente, surgem-se acintosas críticas quanto ao eucalipto e à eucaliptocultura vindas, em muitos casos, de pessoas e instituições, que do ponto de vista técnico, social, econômico e ambiental, não são as mais apropriadas para tal.

Reconhecemos que existem críticos sérios e instituições de peso discutindo e apontando falhas nesta questão, o que é extremamente saudável para o setor florestal continuar progredindo. O problema é que o lado pejorativo disso, muitas vezes, pode retardar o crescimento da área plantada, prejudicando assim, os produtores rurais, as indústrias florestais e o próprio Brasil.

Desta forma, buscando refletir sobre o que tem de positivo e real nas colocações é que ousamos comentar sobre tal assunto, no sentido de contribuir para que melhor se esclareça a população, sem querer esgotá-lo, dada as suas magnitudes e complexidades.

O eucalipto é uma espécie arbórea pertencente à família das Mirtáceas e nativa, principalmente, da Austrália. São mais de 670 espécies conhecidas, apropriadas para cada finalidade de aplicação da madeira. No Brasil, seu cultivo em escala econômica deu-se a partir de 1904, através do trabalho do agrônomo silvicultor Edmundo Navarro de Andrade, para atender a demanda da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Mais precisamente a partir de 1965, com a lei dos incentivos fiscais ao reflorestamento, sua área de plantio no Brasil aumentou de 500 mil para 3 milhões de hectares.

Estes incentivos, sob os aspectos sócio-econômicos, contribuíram para uma maior participação do setor no PIB, emprego, renda, impostos e balança comercial. Sob o aspecto ambiental, vale ressaltar uma diminuição na pressão

¹ Professor Adjunto do Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, na área de Política, Legislação e Administração Florestal. valverde@ufv.br.

sobre as florestas nativas, abrigo para a fauna, proteção das águas e dos solos, melhoria da qualidade do ar, recuperação de áreas degradadas, contribuição para a mitigação do efeito estufa, etc.

Mesmo utilizando pouco da sua potencialidade, o setor florestal ainda é capaz de contribuir com cerca de 5% do PIB, US\$3 bi em impostos e US\$16 bi em exportações (segundo maior em superávit comercial), empregar mais de 2 milhões de pessoas e remunerar seus trabalhadores melhor que os das atividades similares. Praticamente, as plantações florestais destinadas à produção de madeira para energia, celulose e processamento mecânico são muito mais responsáveis pela formação dos macro-indicadores do setor florestal brasileiro que as florestas nativas, apesar dos seus quase 500 milhões de hectares disponíveis para produção contra apenas 5 milhões de plantio, sendo 3 de eucalipto, 1,8 de pinus, e o restante, outras espécies (seringueira, teca, etc).

No que tange ao mercado florestal, este tem melhorado substancialmente devido ao aquecimento da economia internacional e brasileira. Em função do rápido crescimento das plantações de eucalipto, que atingem produtividade cerca de 10 vezes mais que as dos países líderes deste mercado, o Brasil vem ganhando posições de destaque no mercado. Para se ter idéia, o crescimento das florestas na Finlândia, país tradicionalmente florestal, alcança em média, rendimentos de 5 m³/ha.ano, Portugal, 10, Estados Unidos, 15, África do Sul, 18, e Brasil, 35, podendo alcançar de 60 a 70 m³/ha.ano. Vários estudos têm comprovado estes ganhos de competitividade da indústria florestal (celulose, chapas e serrados), em detrimento dos países tradicionais decadentes, que incomodados e convulsivos, suspiram ao verem frutificar iniciativas suicidas à eucaliptocultura no Brasil.

Os projetos de reflorestamento, independente da espécie plantada, caracterizam-se pelo elevado risco técnico e econômico, a que estão sujeitos. Na maioria das vezes, estes riscos estão associados ao longo prazo, em que tudo se torna possível de ocorrer, como incêndios, pragas, doenças, sinistros, volatilidade de mercado e preços, afetando a viabilidade e a atratividade destes projetos.

Outra característica negativa deste tipo de projeto é o preço ainda baixo da madeira, em razão da existência de uma condição de mercado em que a competição se faz de forma imperfeita, prejudicial no curto prazo aos produtores rurais e, no médio e longo prazo, às empresas e consumidores.

No entanto, começa a se observar mudanças significativas neste mercado, em que o aumento na demanda por madeira, sem a correspondente oferta, tem provocado elevações nos preços. O diferencial deste tipo de projeto comparado com o agrícola, é que o aumento nos preços não reflete imediatamente no aumento da oferta, pelo fato de que do plantio à colheita leva-se, pelo menos, de seis a sete anos.

Isto está provocando mudanças profundas e favoráveis ao mercado, valorizando a madeira e aumentando a atratividade. Como alteração estrutural, pode se dizer que vem ocorrendo o repasse da atividade florestal aos produtores rurais, reduzindo assim os latifúndios, a monocultura e seus impactos ao ambiente e a população rural. Geralmente, este repasse tem sido feito através de uma parceria entre empresas florestais e produtores rurais, denominada fomento florestal.

Mesmo diante de tantos benefícios das plantações florestais para a nação, estranhamente ganham espaço as críticas que comentaremos abaixo, que enquanto construtivas são bem vindas, porém do contrário, devem ser rechaçadas.

As principais críticas alegam que o eucalipto é uma espécie exótica, piora o déficit hídrico do solo, reduz a fertilidade e o pH do mesmo, afugenta a fauna, as plantações formam grandes latifúndios e monocultura, apresenta pouca contribuição na geração e formação da renda e emprego, provoca o êxodo rural e reduz o valor da propriedade.

Antes de se tecer quaisquer comentários, gostaríamos de esclarecer ao amigo leitor, que os fenômenos naturais são complexos, dinâmicos e difíceis de serem diagnosticados, mensurados e prognosticados. Então, quando vemos pessoas leigas falando com propriedade de determinados efeitos da eucaliptocultura sobre o meio, nos estarecemos, pois nem mesmo os maiores

especialistas no assunto, muitas das vezes, não fornecem afirmativas categóricas a respeito.

Tal como o eucalipto, praticamente, toda a nossa base alimentar é constituída de espécies exóticas, como arroz, milho, feijão, trigo, soja, abacaxi, café, etc., além do mais, num mundo irmanamente globalizado, não faz sentido nenhum levante de xenofobia, mas sim de confraternização entre os povos e culturas.

No tocante a parte hídrica, o eucalipto é taxado como uma espécie consumidora de grande quantidade de água. A título de curiosidade, o leitor deve pesquisar e comparar o consumo de água para cada unidade produzida de carne, cana-de-açúcar, batata, milho, soja, dentre outros e verá quem realmente é a verdadeira bomba hidráulica vegetal. De qualquer forma, seria leviano de nossa parte afirmar que o eucalipto e ou a eucaliptocultura reduz ou não a quantidade de água no solo, alterando a vazão dos cursos d'água, pois isto é inerente à qualquer cultura e o que está em jogo é o manejo adequado da microbacia.

O certo é que o eucalipto, por ser uma espécie de rápido crescimento, apresenta um gasto energético muito alto e daí a necessidade de se hidratar, mas podemos garantir que dificilmente uma outra espécie seria tão eficiente no uso deste recurso quanto ele. É por isto que em solos úmidos, o consumo e o crescimento florestal tende a ser maior e vice-versa. Mais importante ainda é dizer que em regiões mais áridas, onde a silvicultura tem sido viável, só se consegue agricultural, se for implantado um conjunto ostensivo de irrigação, consumindo quantidades enormes de água. Assim fica a pergunta: onde o amigo leitor viu uma plantação florestal sendo irrigada, conforme se vê na agricultura?

Quanto à redução da vazão, a principal atitude a tomar é simplesmente fazer cumprir a legislação florestal que proíbe qualquer tipo de plantação comercial num raio de 50 metros das nascentes e nas áreas consideradas de recarga. Sugere-se orientar os produtores a manejarem suas plantações sob

técnicas conservacionistas do solo, de forma a não expô-lo num nível que prejudique o estoque de água no solo e no lençol freático.

Em relação à redução da fertilidade e acidez do solo, só gostaríamos de colocar o seguinte: das plantações florestais apenas se explora a madeira, composto orgânico formado por moléculas de carbono, oxigênio e hidrogênio, retiradas do ar pelo processo da fotossíntese, tal que se a exploração ocorrer após a rotação ecológica e se as cascas do tronco forem deixadas no campo, dificilmente ocorrerá um empobrecimento do solo, pelo contrário, irá melhorar a fertilidade devido à reciclagem dos nutrientes absorvidos das camadas mais profundas e liberados com a exsudação e com a decomposição da matéria orgânica que cai sobre o solo.

Vários estudos demonstram que, com o reflorestamento, a fauna tem retornado nas propriedades. Uma das razões é devido às empresas possuírem grandes extensões de florestas nativas e plantadas, além de programas de educação ambiental visando, entre outras coisas, a proteção dos animais, e à medida que os reflorestamentos vão se deslocando para as áreas dos produtores rurais e estes vão se conscientizando, o resultado não vai ser diferente, ou seja o reaparecimento e aumento da fauna.

No tocante ao latifúndio e monocultura, regime que independe da espécie e da atividade, esclarecemos que ambos são conseqüências naturais, dado o contexto em que os reflorestamentos se iniciaram, são prejudiciais para todos, não há nada de estratégico as indústrias serem latifundiárias, e são evolutivas, no futuro os produtores, certamente, abastecerão boa parte das demandas das indústrias. São por estas razões que a madeira de reflorestamento apresenta baixo coeficiente preço/peso específico em razão de ser um produto pesado e de baixo valor comercial. Esta condição faz com que o valor de uma carga de caminhão seja relativamente baixo, quase o seu custo de transporte. Isto forçaria a localização dos reflorestamentos próximos da indústria consumidora para que se viabilize o projeto, forçando as empresas florestais a adquirirem grandes quantidades de terras (latifúndios) e formarem extensas áreas florestadas (monoculturas).

Neste sentido, o latifúndio, a monocultura e os grandes maciços florestais localizados no entorno das empresas dificultaram a existência de outros produtores e consumidores de madeira próximos, eliminando a possibilidade de concorrência, de aumento nos preços da madeira, levando à constituição de monopólios naturais.

Porém, com as mudanças no mercado conforme descritas, a tendência é que boa parte do abastecimento fique a cargo dos produtores, que estão sendo subsidiados pelas empresas através do fomento florestal. Apesar do bom desempenho das empresas em relação aos programas, o fato é que eles são onerosos, fogem do *core business* das empresas e as obriga a se aventurar numa engenharia financeira que não as competem, mas sim aos agentes financeiros, que ainda não acordaram para este novo e fantástico eldorado florestal.

Com relação à eucaliptocultura gerar desemprego, temos a lhe informar que um dos entraves da expansão do reflorestamento em várias regiões se deve à falta de mão-de-obra, pois, principalmente para as áreas montanhosas, onde é difícil mecanizar, o que tem sido narrado por produtores é que, mesmo querendo reflorestar, falta gente para trabalhar.

Atualmente, culpar o reflorestamento pelo êxodo rural é repugnante, pois podem escrever, será ele quem vai inverter o êxodo causado pela mecanização da agricultura, pois com a expansão e o surgimento de novos projetos florestais, o Brasil será, mesmo com algumas pessoas e instituições tentando prejudicar, o maior produtor de produtos florestais do mundo, o que vai demandar uma quantidade enorme de madeira, conseqüentemente mais áreas reflorestadas e mais emprego.

Existem muitas áreas ociosas, degradadas e mal aproveitadas no Brasil, onde se poderia investir em reflorestamentos. Para estes locais, o eucalipto é uma excelente opção econômica, ambiental e social. Sabemos que não é só privilégio das plantações florestais os impactos negativos advindos, mas sim de qualquer ação antrópica. Então, o que nos cabe é analisar e decidir sobre os custos e benefícios dessas plantações para saber se determinada atividade

pode ou não ser implantada e, caso a resposta seja positiva, quando, como, onde e quem fazer. Porém nunca insanamente, proibi-la e rotulá-la sem quaisquer fundamentos.

Finalmente, meu paciente leitor, não queremos alardear que o eucalipto é a solução dos problemas, mas garantimos que ele é o elixir que faltava para a sobrepujança do agronegócio da região centro-sul brasileira. No entanto, querer impedir o crescimento da eucaliptocultura é uma traição às esperanças de uma grande parcela do povo brasileiro, principalmente, dos desiludidos que vivem no meio rural.